

DO MISTÉRIO À REVELAÇÃO DO SAGRADO NA FAMÍLIA DE JESUS

Luís Carlos Lima Carpinetti (UFJF)

luiscarpinetti@oi.com.br

Mauri Alves Monteiro (UFJF)

mauriam@superig.com.br

RESUMO

A presente pesquisa no programa de bolsa de iniciação científica, teve por objetivo estudar os argumentos levantados pelo autor Jerônimo na sua visão crítica e, com certo humor fino, contrastando com as opiniões de Helvídio, e arquitetando a temática da Bíblia Sagrada, nos moldes como a mesma se apresenta nos dias atuais. Pretendo também analisar os recursos linguísticos, estilísticos, retóricos, que a presente obra nos fornece com o material aqui verificado, juntamente, com o propósito de trazer à luz, alguma forma de construção da irrealidade que se manifesta na argumentação de arengas judiciárias da latinidade clássica.

Palavras-chave: Virgindade. Sagrado. Natureza religiosa.

1. Introdução

No presente estudo foi verificado a ida constante e sistemática ao texto latino para aclarar eventuais impasses gramaticais que a leitura fluída não capta de imediato ou só com leitura superficial, ignorando os meandros de complexidade e mesmo o sentido mais profundo, que não salta à vista, com aquela linguagem muito elaborada em suas relações intrínsecas, onde os personagens se avultam e assumem os papéis históricos que lhes pertencem.

Uma motivação complementar haurida nos interstícios ou mesmo no âmago do texto antigo, não se limitou à consulta do texto latino básico, objeto primário e alvo da análise empreendida, mas a necessidade de ir repetidas vezes ao texto sagrado (Bíblia), a fim de que uma beleza peculiar fornecida pela obra, proporcionasse, por assim dizer, um deleite impessoal, quando da lide com um escrito dessa natureza, reiterando e esclarecendo algumas situações nada usuais.

O exercício com o texto latino se deu sem sobrepasso, o que não quer dizer ausência de dificuldade, espaços lacunosos, mas a compreensão do texto como um todo se deu de modo integral. É preciso ressaltar

que o texto latino, na fonte impressa colhida na *Patrologia Latina*, de Migne, bem como na fonte digital, apresenta os mesmos problemas com relação à numeração de parágrafos e eventuais nomes de personagens que tivemos dúvida sobre os mesmos, como, por exemplo, Joses (seria José?) e que não tivemos como solucionar com nossos recursos. E que partiremos de uma sinopse do texto latino, que é de ordem jurídica e racional, para, depois, refletir sobre a temática da família de Jesus à luz da experiência religiosa como fenômeno transcendental e místico.

2. Sinopse do libelo *Contra Helvidium*

Apresentamos, a seguir, os resultados de uma pesquisa do texto latino, segundo o ponto de vista da visão do público e do autor com relação ao tema do texto do libelo *Contra Helvidium*.

Há menção à instância do público, quando se faz alusão no texto à figura dos irmãos (*fratres*), com uma única aparição, na abertura do texto: “Recentemente solicitado pelos irmãos a que contrapusesse resposta ao libelo de um certo Helvídio...”: *Nuper rogatus a fratribus, ut aduersus libellum cuiusdam Heluidii responderem...* (*Aduersus Helvidium* 1). O restante do discurso é isento de menções, apelações etc.

Jerônimo é representado no discurso como combatador de heresias, ao qual se alia o crítico literário exigente, o exegeta rigoroso e o satirista dos costumes de seu tempo.

A heresia que Jerônimo combate é a de que Maria, a mãe de Jesus, tenha cessado de ser virgem em algum tempo. Contra essa heresia, Jerônimo sustenta a ideia de que a virgindade de Maria é perpétua. Por isso, Jerônimo investe contra a heresia veiculada na obra de Helvídio, com a refutação sistemática de cada ponto por vez, organizando sua obra de forma dialogada, alternando os turnos em que expõe ora as ideias de Helvídio, ora a refutação das mesmas ideias por Jerônimo.

A princípio, Jerônimo trata do tema apoiando-se no 1º capítulo do Evangelho de São Mateus que focaliza o momento em que José decide tomar Maria como esposa, já grávida, e também depois, quando o evangelista Lucas retrata o desespero de Maria e José em Jerusalém, depois de terem perdido de vista Jesus, no meio da multidão. Jerônimo sustenta sua argumentação com o recurso a múltiplas fontes textuais: Mateus, Lucas, Coríntios, Deuteronômio, Salmos, Gênesis, Jeremias, Êxodo, Números. Jerônimo exclui a possibilidade de confusão entre unigênito e pri-

mogênito, dando a cada termo a explicação de sua extensão de significação dentro da questão. Se Jesus é unigênito, não terá irmãos, já que é o único gerado do Pai. O primogênito já indica a posição de primeiro lugar numa série de filhos gerados numa mesma família. Jerônimo explica que se pode dizer que o unigênito também pode ser considerado primogênito, sem que, com isso, haja necessidade de pensar em uma série de outros que se seguirão. A defesa desta ideia vem depois ratificada com a polissemia de *frater*: “...*natura, gente, cognatione, affectu...*”: por consanguinidade, por raça, cultura, por parentesco e por afeto. O recurso às fontes e a sua utilização apropriada no interesse da causa de combater a heresia de Helvídio e favorecer ao dogma da virgindade perpétua de Maria constituem o exegeta rigoroso e o crítico literário exigente.

Não é desprezível a veia satírica de Jerônimo presente no texto. Jerônimo critica os vícios de linguagem, a baixa qualidade do exórdio, o solecismo etc.:

Praetermitto uitia sermonis, quibus omnis liber tuus scatet. Taceo ridiculum exordium. O tempora! O mores! Non quaero eloquentiam; quam ipse non habens, in fratre Craterio requisisti. Non, inquam, flagito linguam nitorem, animae quaero puritatem. Apud Christianos enim soloecismus est magnus et uitium, turpe quid uel narrare, uel facere. Ad calcem uenio, et cornuta interrogatione concludo, sicque tecum agam, quasi superius nihil egerim: eodem dictos esse fratres Domini. (HIERONYMI, 1845, p. 16)

Ponho de lado os vícios de linguagem, dos quais todo o teu livro está cheio. Passo em silêncio teu ridículo exórdio. Ó tempos! Ó costumes! Não busco a eloquência que, não a tendo, buscaste tu mesmo no irmão Cratério. Eu diria, não solicito uma língua fulgurante, busco a pureza da alma. Junto aos cristãos, o solecismo é grande e é um vício, porque vergonhoso é narrar ou fazer. Venho ao calcanhar e concludo com uma interrogação em forma de chifre, e assim farei contigo, como se nada mais faria acima: no mesmo lugar terem sido ditos os irmãos do Senhor.

Sua mordacidade satírica se estende também às virgens que frequentam tabernas, clérigos que são taberneiros e monges, desavergonhados: “*Quod autem ais quasdam esse uirgines tabernarias, ego tibi plus dico, esse in his et adulteras, et, quo magis mireris, clericos esse caupones, et monachos impudicos...*” (“...O que, porém, dirias serem certas virgens dadas a frequentar tabernas, eu te digo mais, haver nessas tabernas também adúlteras e, para fazer-te pasmar ainda mais, clérigos serem taberneiros e monges, assanhados...””) (HIERONYMI, 1845, p. 21)

Observamos nesse texto uma concentração exclusiva na parte argumentativa, sem narração praticamente, a não ser o fato de que Helvídio lançou um libelo ao qual Jerônimo se dispõe a refutar.

A figura do público, não muito alvejada por apelações, existe e a ela é dirigida a persuasão da condenação da heresia de Helvídio que declara que a virgindade de Maria não foi perpétua. O público é representado como sábio o bastante para ler e entender a Escritura, entender o significado e a extensão de cada termo da língua latina, e ser sagaz o bastante para não permitir que a entropia entre o ideal cristão (o centro da argumentação deste discurso) e a prática equivocada dos cristãos (os criticados por Jerônimo no texto) penetre na interpretação da Escritura e acabe nivelando tudo pelo critério mais acomodado à situação da vida observada de modo mais generalizado.

A figura Jerônimo é representada como a do combatador de heresias que refuta de modo organizado e sistemático, ponto por ponto, tem cuidado com a linguagem, preocupa-se com a correção de conceitos, concepções teológicas, esmera-se em interpretar cuidadosamente o texto da Escritura, tem grande cultura e erudição e sabe usá-la em favor da defesa da causa da reta doutrina católica, ataca satiricamente os desmandos da Igreja de seu tempo.

3. Desenvolvimento

Muitos são os meios que Deus utiliza para anunciar e manifestar a ação salvadora ao mais comum dos homens; entretanto, só uns poucos manterão a fé até a hora derradeira. Primeiramente porque os sinais da revelação são muito tênues para a maioria; segundo porque o abismo de condicionamento e barbárie mantém o ideal divino, senão distante, no mínimo ignorado. Resta aos poucos que sustentam uma crença inabalável, permanecerem firmes e vigiarem atentamente, pois a verdade, como dizem, tarda, mas não falta, e onde ela lampeja deve ser o caminho a seguir.

No cristianismo, Jesus é o modelo perfeito onde a imanência do divino soou clara e límpida através da encarnação do “logos” (λόγος, – ou o☺ = palavra profética) para dirimir e resgatar a humanidade.

Jesus assume as prerrogativas da “*imitatio dei*” e instiga os homens e toda humanidade, independentemente de gênero e raça, a não esquecer o modelo divino, imitando-o pelo exemplo: “... tomai de mim o exemplo porque sou manso de coração e meu jugo é suave...” Convém que o homem lembre os propósitos da encarnação e seja abolido pela eternidade, o tempo vivido na experiência presente, na lembrança do rit-

mo cíclico do cosmo: nascimento, maturidade, velhice e morte, em sua epifania (επερπιφάνεια = aparição, manifestação): mantendo vivos os ensinamentos, a paixão, a morte e a ressurreição, como propósito subjacente da imagem derradeira ou provisória do que virá, da qual falam os livros sagrados, os anjos e os santos, cujo testemunho guardam os livros sagrados e em uníssono rememoram santos, profetas, místicos e filósofos, artistas e poetas de todos os tempos lembram o que outrora se fazia em palavras e cânticos.

Cristo depois de ascender aos céus se manifestou (παρουσία, -ας η☺ = esteve presente) a seus discípulos. Essa recordação de um tempo vivido, ocorrido como evento divino, passa para os cânones da Igreja como rito litúrgico, afirmando a existência humana em sua essência sendo resgatada no sacrifício de Jesus Filho de Deus. O mesmo tempo litúrgico vai se impondo ao tempo existencial, por ser considerado um tempo sagrado que se sobrepõe à história como sobrenatural. Ele (Jesus) emerge da existência humana como a consumação do sagrado no limiar do divino, saltando do mundo natural e resgatando consigo multidões ao demandar exercício (ασκησις) e sacrifício, um modo de vida análogo ao da alma (ψυχή, -ής), para sacudir o jugo temporal e empreender o caminho verdadeiro na busca da redenção.

Assim, a fé se nutre do exemplo compartilhado, uma vez que o Cristão acredita na afirmação de que: “o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus”. (Gen. 1, 26)

Se alguma liberdade lhe resta deve escolher o “bem” que salva e liberta, ao “mal” que agrilhoa transferindo a culpa ao futuro incerto.

A fé está para o homem na perspectiva de sua construção eterna, pela redenção de suas faltas e erros. De modo que quanto maior a aliança com os mistérios do sagrado, tanto melhores serão os augúrios no tempo vindouro, para não dizer de agora em diante.

O tempo do “vir a ser”, ao contrário da existência cotidiana ou vida em degenerescência, deve estar assinalada pelo modelo divino “obra do verbo encarnado” e salvação.

Urge recordar as leis de nossa origem, não a memória do tempo perdido, mas preparar para reconhecer e celebrar os atos e gestos divinos que parecem dissolvidos depois da criação feita. Da existência e do homem, não apenas recordação, mas memória que ainda é atual: “*uirtus operis* (o amor e a prática do bem, a virtude, a coragem; com trabalho)...

A renovação do benefício de Deus: Hoje nosso tempo experimenta as maravilhas cujas primícias o passado recebeu”. (MESLIN, 1992, p. 7)

M. Meslin tomando por referência *O Sagrado*, de Rudolf Otto argumenta:

Para falar do sagrado e das qualidades que dele são constituintes, no dizer de Otto é necessário abandonar aquelas diretrizes e caminhos que a razão nos oferece, porque a boa razão que permite chegar ao sagrado é a má razão: “Que me mande chamar quem pode submeter à sua razão a primeira palavra da religião, a palavra santo! Conheço um termo religioso de que a razão consegue compreender uma metade, escapando-lhe a outra metade, o termo festa. Para a razão festejar não é trabalhar etc., mas quando adquire o sentido de solenidade, a palavra esquivase imediatamente à razão, é demasiado singular e demasiado elevado para ela. Da mesma maneira: consagrar, benzer. A língua está tão cheia e a vida tão rica de coisas que estão tão longe da razão como dos sentidos. Pertencem todas ao domínio místico. A religião faz parte deste domínio, terra incógnita para a razão”. (MESLIN, 2007, p. 7)

O tempo litúrgico ritualizado na festa anual traz o ato psicológico que revive o modelo divino do mistério sagrado.

A fé traz a certeza da salvação pela presença ou manifestação de Deus (θεοφάνια = teofania), porque alivia o peso da culpa.

A Bíblia como texto sagrado de referência apresenta inumeráveis passagens em que manifesta a presença do divino na família de Jesus. Assim está anunciado em Mat. I, 18 a 25, conforme nos relata Jerônimo em sua obra *Contra Heluidium De perpetua uirginitate B. Mariae*:

Matthaeus loquitur: Christi autem generatio sic erat: Cum esset desponsata mater eius Maria Ioseph, priusquam conuenirent, inuenta est habens in utero de Spiritu sancto. Ioseph autem uir eius cum esset iustus, et nollet eam traducere, uoluit occulte dimittere eam. Haec autem eo cogitante, ecce Angelus Domini in somnis apparuit ei, dicens: Ioseph, fili Dauid, ne timeas accipere Mariam coniugem tuam. Quod enim natum est in ea, de Spiritu sancto est (Matth. I, 18 seqq.). Ecce, inquit, habes desponsatam, non commendatam, ut dicis, et utique non ob aliud desponsatam, nisi quandoque nupturam. Neque enim de non conuenturis Euangelista dixisset: Priusquam conuenirent: quia nemo de non pransuro dicit, antequam pranderet. Deinde ab Angelo uxorem appellatam et coniunctam. Audiamus nunc quid Scriptura pronuntiet: Exsurgens, inquit, Ioseph a somno, / fecit sicut praeceperat ei Angelus Domini: et accepit uxorem suam, et non cognouit eam, donec peperit filium suum. (HIERONYMI, 1845, § 3)⁷

Estando Maria, sua mãe, desposada com José, antes de se juntarem. Achou-se possa concebido (γεννηθέν) do Espírito Santo. 19 - Então José, seu

⁷ A paginação da fonte digital utilizada é incerta, por isso relacionamos a posição do parágrafo.

marido, como era justo, e a não queria infamar, intentou deixá-la secretamente. 20 - E, projetando ele isto, eis que em sonho lhe apareceu um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de David não temas receber a Maria tua mulher porque o que nela está gerado é do Espírito Santo. 21 - E dará à luz um filho e chamará o seu nome Jesus; porque ele salvará o seu povo dos seus pecados. 22 - Tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor, pelo profeta, que 23 - diz: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e chamá-lo-ão pelo nome de Emanuel, que traduzido é: Deus conosco. 24 - E José despertando do sonho, fez como o anjo do Senhor lhe ordenara e recebeu a sua mulher; 25 - E não a conheceu até que deu à luz seu filho, o primogênito (μυονγενής). (Mt. I, 18-25)

E vão sucedendo os episódios que anunciam a vinda do Messias confirmando os augúrios afortunados de que o nascimento de Jesus Cristo processava das instâncias do sagrado revelado no além até os confins da terra.

No Evangelho de Mateus encontramos o episódio dos reis magos do Oriente e sob que condições se anunciava o nascimento de Jesus (Mat. II, 1 a 13):

1- E tendo nascido Jesus em Belém da Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do oriente a Jerusalém, 2 - Dizendo: Onde está aquele que é nascido rei dos Judeus? Porque vimos a sua estrela no oriente, e viemos a adorá-lo. 3 - E o rei Herodes, ouvindo isto, perturbou-se, e toda Jerusalém com ele. 4 - E, congregados todos os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo, perguntou -lhe aonde havia de nascer o Cristo. 5 - E eles lhe disseram: Em Belém da Judéia; porque está escrito pelo profeta: 6 - ... porque de ti sairá o Guia que há de apascentar o povo de Israel. 7- Então Herodes, chamando secretamente os magos, inquiriu exatamente deles acerca do tempo em que a estrela lhes aparecera. 8 - E, enviando-os a Belém, disse: Ide, e perguntai diligentemente pelo menino, e quando o achardes, participai-me, para que também eu vá e o adore. 9 - E tendo eles ouvido o rei, partiram; e eis que a estrela que tinham visto no oriente, ia adiante deles, até que, chegando, se deteve sobre o lugar onde estava o menino. 11- E, entrando na casa, acharam o menino com Maria sua mãe, e, prostrando-se, o adoraram; e, abrindo os seus tesouros, lhe ofertaram dádivas: ouro, incenso e mirra. 12 - E, sendo por divina revelação avisados em sonhos para que não voltassem para junto de Herodes, partiram para a sua terra por outro caminho. 13 - E, tendo eles se retirado, eis que o anjo do Senhor apareceu a José em sonho, dizendo: Levantate, e toma o menino e sua mãe, e fuge para o Egito, e demora-te lá até que eu te diga; porque Herodes há de procurar o menino para o matar. (Mt. II, 1-13)

De igual maneira, torna-se relevante o depoimento do sacerdote da Judeia (Zacarias e sua mulher Isabel) ambos muito justos e tementes ao Senhor, mas já avançados em idade. Enquanto Zacarias preparava para os serviços no templo, um anjo do Senhor lhe apareceu ao lado do altar e declarou:

Zacarias não temas a tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, dará à luz um filho, e lhe porás o nome de João... 15 – Porque será grande diante do Senhor, e não beberá vinho, nem bebida forte, e será cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe... 17 – E irá adiante dele no espírito e virtude de Elias, para converter os corações dos pais aos filhos, e os rebeldes à prudência dos justos; com o fim de preparar ao Senhor um povo bem-disposto... E o Anjo Gabriel disse: 20 – Eis que ficarás mudo, e não poderás falar até ao dia em que estas coisas aconteçam... (Lucas I, 13-20)

Algum tempo depois o anjo Gabriel é enviado é enviado a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, ao avistar Maria refere-se a ela nos seguintes termos: “28 – Salve, agraciada; o Senhor é contigo: bendita tu entre as mulheres... 31 – E eis que em teu ventre conceberás e darás à luz um filho...” (Lucas I, 28, 31)

Maria se surpreende, indagando ao anjo:

34 -... Como se fará isto, visto que não conheço varão? 35 – E, respondendo o anjo, disse-lhe: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com sua sombra; pelo que também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus. 36 – E eis que também Isabel, tua prima, concebeu um filho em sua velhice; e este é o sexto mês para aquela que era chamada estéril; 37- Porque para Deus nada é impossível. 38 – Disse então Maria: Eis aqui a serva do senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra. E o anjo ausentou-se dela. (Lucas I, 34-38)

No Evangelho de João (I, 1, 2, 14, 15) encontramos o que João Batista falou de Jesus, reafirmando o conceito de “único” e totalmente capaz de “gerar a si mesmo com a verdade” porque em Cristo a ideia de subordinação e sua derivação do princípio divino, o levava a desprezar (ofuscando) a “existência pessoal”, a favor do atributo essencial da divindade:

No princípio era o Verbo (λόγος), e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele (Jesus) estava no princípio com Deus... 14 - E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito (μονογενής) do Pai, cheio de graça e de verdade... 15- Este era aquele de quem eu dizia: O que vem depois de mim é antes de mim, porque foi primeiro do que eu. (João I, 1, 2)

Depois do nascimento de Jesus, Maria e José, o levaram ao templo para a cerimônia da circuncisão (Lucas II, 21), diante de Simeão e Ana:

*Nolite timere; ecce euangelizo vobis **gaudium** magnum, quod erit omni populo, quia natus est vobis hodie **Saluator**, qui est Christus Dominus in civitate David (Luc. II, 10, et seq.); et cum eo laudes militiae concinuisse coelestis: Gloria in excelsis Deo, et super terram pax hominibus bonae voluntatis: qui Simeonem iustum inter amplexus paruuli uiderat praedicantem, Nunc di-*

mittis seruum tuum, Domine, secundum uerbum tuum in pace: quia uiderunt oculi mei salutare tuum (Ibid., 27): qui Annam prophetissam, Magos, stellam, Herodem, Angelos uiderat; qui, inquam, miracula tanta cognouerat, Dei templum, Spiritus sancti sedem, Domini sui matrem audebat attingere? (HIERONYMI, 1845, 181-206, § 8)

10 - Não temais, eis que vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo: 11 – Pois na cidade de David, vos nasceu hoje o salvador, que é Cristo, o Senhor. 12 – E tudo vos será por sinal: Achareis o menino envolto em panos, e deitado numa manjedoura. 13 – E, no mesmo instante, apareceu com o anjo uma multidão dos exércitos celestiais, louvando a Deus, e dizendo: 14 – Glória a Deus nas alturas, paz na terra, para com os homens de boa vontade. (15 – E aconteceu que se ausentando deles os anjos para o céu, disseram os pastores uns aos outros: vamos, pois, até Belém, e vejamos isso que aconteceu, e que o senhor nos fez saber. ... 25 – Havia em Jerusalém um homem cujo nome era Simeão: este homem era a justo e temente a Deus... e o Espírito Santo estava sobre ele. 26 – E fora-lhe revelado pelo Espírito Santo que ele não morreria antes de ter visto o Cristo do Senhor. 27 – E pelo Espírito foi ao templo, e quando os pais trouxeram o menino Jesus, para com ele procederem segundo o uso da lei. 28 – Ele então o tomou em seus braços, e louvou a Deus, e disse: 29 – Agora, Senhor, despedes em paz o teu servo, segundo a tua palavra; 30 – Pois já os meus olhos viram a tua salvação. (31 – A qual tu preparaste perante a face de todos os povos; 32 - Luz para alumiar as nações... 34 – E Simeão os abençoou e disse a Maria, sua mãe: Eis que este é posto para queda e elevação de muitos... e para sinal que é contraditado; 35- (E uma espada transpassará também a tua própria alma; para que se manifestem os pensamentos de muitos corações. 36 – E estava ali a profetiza Ana... Esta era já avançada em idade... 37 – E era viúva, de quase oitenta e quatro anos, e não se afastava do templo, servindo a Deus em jejum e orações, de noite e de dia. (Lucas 2, 10-37)

Porque Deus em seu fluir permanente e inesgotável (mente criadora e universal) não separa a criatura da criação, nem a subsistência individual da essência divina, a trindade na unidade: Pai, Filho e Espírito Santo.

Tatianus Syriacus, citado por David Beale em sua *Oratio Adversus Graecos* 5 (Migne P G 6.8 1 3-1 8), afirma:

A alma dos fracos se dissolve com a morte [...] gerado ou procriado, no começo o logos tornou-se ser pelo Criador (Pai) de modo a criar o mundo: dele (o logos) nós conhecemos ser o começo do mundo. Mas ele veio a ser por participação não por separação ou divisão, por esta razão é cortado, e separado da substância original, mas esta vem por participação, fazendo sua escolha por função, ela não o deixa deficiente daquilo que é tomado. Como ocorre de uma tocha muitas chamas são acesas, mas a luz da primeira tocha não diminui pelo fato de ter acendido muitas; o mesmo ocorre com o poder do *logos* vindo do Pai (Deus). (BEALE, 2013, p. 149)

Orígenes chama Cristo repetidas vezes de criador (δημιουργός, -ου^Θ = que trabalha para o público; aquele que produz ou cria; artesão; poeta), no sentido de utilizar a transcendência do logos como alvo da mente para compreender o Uno. O verdadeiro “Ser” (o Uno) é eterno, incompreensível e desconhecido; porque está para além do “bem” e do “mal”, mais amplo que a Razão e mais alto que o Bem. O Universo se originou com a Mente ou a Razão (Logos) que procedeu do Uno como uma emanção necessária.

Cristo se coloca humildemente nas mãos de Deus de onde procede toda criação e princípio (αερχή) de todo o existente, conforme a citação de Lucas: “Jesus diz: ...porque qualquer que a si mesmo se exalta será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado. ” (Lucas 18, 14).

É bastante sugestivo o apelo trazido à memória pelos Salmos de David, ora é simples exortação mimética, ora mera advertência daquilo que se deve evitar fazer:

1 – Bem-aventurado o varão que não anda segundo o conselho dos ímpios, nem se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores. 2 – Antes tem o seu prazer na lei do Senhor, e na sua lei medita de dia e de noite. 3 – Pois será como a árvore plantada junto a ribeiros de águas, a qual dá o seu fruto na estação própria, e cujas folhas não caem, e tudo quanto fizer prosperará... (Salmos 1,1-3)

1 – Verdadeiramente bom é Deus... para com os limpos de coração. 2 – Quanto a mim, os meus pés quase que se desviaram; pouco faltou para que escorregassem meus passos. 3 – Pois eu tinha inveja dos soberbos, ao ver a prosperidade dos ímpios. 4 – Porque não há apertos na sua morte, mas firme está a sua força. 5 – Não se acham em trabalhos como outra gente, nem são afligidos como outros homens. 6 – Pelo que a soberba os cerca como um colar; vestem-se de violência como de um adorno. 7 – Os olhos deles estão inchados de gordura: superabundam as imaginações do seu coração... 9 – Erguem a boca contra os céus, e a sua língua percorre a terra... (Salmos LXXIII, 1-9)

Jesus diz: ... porque qualquer que a si mesmo se exalta será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado. (Lucas 18, 14)

Jesus afirma que o homem deve renascer de novo para ver o reino de Deus. Interrogado pelos fariseus sobre quando havia de vir o reino de Deus, Jesus anuncia as seguintes admoestações no Evangelho de Lucas:

O reino de Deus não vem com aparência exterior. 21 – Nem dirão: Ei-lo aqui, ou Ei-lo ali; porque eis que o reino de Deus está entre vós. ... 24 - Porque, como o relâmpago ilumina desde uma extremidade inferior do céu à outra extremidade, assim será também o Filho do homem no seu dia.... 33 – Qual-

quer que procurar salvar a sua vida, perdê-la-á, e qualquer que a perder, salvá-la-á. 34 – Digo-vos que naquela noite estarão dois numa cama; um será tomado, e o outro será deixado. ... 37 - ... Onde estiver o corpo, aí se ajuntarão as águias. (Lucas XVII, versículos 20, 21, 24, 33, 34, 37)

Mircea Eliade em *História das Crenças e das Ideias Religiosas* faz uma análise dos ritos iniciáticos na tradição Brâmane e Vedanta. O sacerdote brâmane é o representante do poder sagrado e o vigilante silencioso do culto. Como um verdadeiro médico do sacrifício, ele só inter-vém quando um erro é cometido, realizando então a expiação necessária. O oficiante do rito compreende várias performances: música, dança, canto, gestos dramáticos etc.:

Uma iniciação implica morte e renascimento do neófito numa forma de existência superior. Alcança-se a “morte” ritual pela “imolação” ou um “regressus ad uterum” iniciatório (à condição embrionária), simbólicos... O homem nasce três vezes: a primeira, de seus pais; a segunda, quando realiza um sacrifício; ... a terceira, quando morre e é colocado sobre o fogo, e em cima desse fogo ele volta a existir. ... O homem é na verdade não nascido. É pelo sacrifício que ele nasce. Esse novo nascimento de ordem mística, que se repete em cada sacrifício, torna possível a assimilação do sacrificante aos deuses. ... Aquele que é consagrado aproxima-se dos deuses e torna-se deus. ... A vítima é realmente o próprio sacrificante. Em suma, o iniciado é a oblação oferecida aos deuses. O exemplo foi dado pelos deuses... sacrifica teu próprio corpo! Sacrifica-te a ti mesmo aumentando teu corpo! A morte ritual é, portanto, condição prévia para se aproximar dos deuses e, ao mesmo tempo, obter uma existência plenamente realizada neste mundo... a ‘divinização’, aliás passageira, alcançada pelo sacrifício não implicava qualquer desvalorização da vida e da existência humana. Ao contrário, era por meio de tais ascensões rituais ao Céu, para junto dos deuses, que o sacrificante, assim como toda sociedade e a natureza, eram abençoados e regenerados. ... Todos os ritos iniciatórios têm naturalmente um modelo mítico... para evitar o nascimento de um monstro assustador, depois da união entre a palavra e o sacrifício, se transformou em embrião e penetrou o útero... O sacrificante ‘lança-se a si mesmo sob a forma de semente’ no fogo doméstico a fim de assegurar seu renascimento aqui embaixo, na terra, e projeta-se no altar dos sacrifícios com vistas a um renascimento no Céu. (ELIADE, 2010, p. 214-215)

4. Conclusão

Desse modo as escrituras são efetivamente fonte inesgotável de inspiração, pois desvela e sugere uma cadeia de acontecimentos dramáticos que se fez presente ao longo do final da Antiguidade, Idade Média e Modernidade.

Assim a história e a ciência não são as únicas detentoras da verdade revelada, porque a Religião como toda boa hermenêutica interpreta

e conduz a verdade no limiar de sua revelação, como parte fundamental da realidade transcendente (mito, poética), da qual os homens devem lançar mão efetivamente ou silenciar. O diálogo com o mundo se faz verticalmente e horizontalmente. O contemporâneo nem sempre é melhor que o antigo; pode dar-se com frequência uma inversão de valores.

Todo esforço científico repousa na explicação e prova da experiência fenomênica. A religião por outra parte deve cuidar do “Numen” = numinoso, o poder divino; o além, extratemporal, o humano no sentido último e ulterior.

Ciência e religião como meios epistemológicos de obtenção de conhecimento deveriam caminhar juntas no esclarecimento de seus objetos de estudos e não ocupar posições antagônicas e aporias dificilmente conciliáveis.

O diálogo é salutar entre interlocutores que buscam compreender e encontrar soluções para problemas cruciais. A realidade do mundo e a experiência religiosa constitui objeto da maior relevância; ainda que pareçam ocupar dimensões antípodas e peculiares a seu objeto primordial.

É tão difícil dar conta de um período histórico ou determinado século, quanto situar-se na extrema “Vanguarda” de uma teoria científica ou literária dos tempos modernos; onde a confluência de doutrinas e opiniões não apenas divergem, mas até contradizem umas às outras.

Cabe ao estudioso buscar os meios adequados para enunciar a boa nova e ser fiel, tanto quanto possível ao conteúdo proposto.

A Vida de Jesus com seus feitos marca o início de uma nova era, mas aqueles familiares e amigos que constituíam seu círculo deram suporte e unidade a uma vontade que se ousou chamar “divina e celestial”, para confundir e perturbar os incrédulos e, ao contrário, assegurar aos justos a necessidade do esforço constante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMENDRA, M. A.; FIGUEIREDO, J. N. *Compêndio de gramática latina*. Porto: Porto Editora, 2003.

BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-Français*. 26. ed. Paris: Hachette, 1963.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

BEALE, D. *Historical Theology in-depth*, vol. II, Chapter 7: *The Doctrinal Development of the Eternal Generation of Christ*. Greenville: Bob Jones University Press, 2013.

ELIADE, M. *História das crenças e das ideias religiosas*, vol. I. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

HIERONYMI, Eusebii Stridonensis Presbyteri. *De Perpetua uirginitate B. Mariae, Aduersus Heluidium, liber unus*. In: MIGNE. J.-P.; KHAZARZAR, R. (Eds.). *Patrologiae cursus completus*. Series latina, vol. 23. Paris: Migne, 1845, p. 181-206.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. *Greek-English Lexicon*. Ed. rev. y aum. Oxford: Henry G. Clarendon Press, 1951.

MESLIN, M. *A experiência humana do divino*. Petrópolis: Vozes, 1992.

PEREIRA, I. *Dicionário greco-português e português-grego*. Lisboa: Apostolado da Imprensa, 1976.

SÁNCHEZ, A. *Gran diccionario de uso del español actual*. Madrid: Sociedad General Española de Librerías, 2001.

SARAIVA, F. R. S. *Dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.